

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**QUEM QUER FICAR NA BARRIGA DA MAMÃE? SOBRE A GESTAÇÃO EM
TEMPOS DE CULTO AO CORPO**

MARINA AGAREZ BRAZÃO

Psicóloga formada pela PUC-Rio. Mestranda em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil pela Maternidade-Escola da UFRJ. Especialista em Psicanálise com Crianças pelo Hospital São Zacharias – Sta. Casa da Misericórdia do RJ.

E-mail: marinabrazao@gmail.com

JOANA DE VILHENA NOVAES

Pós-doutoranda em Clínica Médica (UERJ). Pós-doutora em Psicologia Social (UERJ). Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas Clínicas e Experimentais em Biologia Vascular do Centro Biomédico- Bio-Vasc (UERJ). Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social -LIPIS/PUC-Rio. Pesquisadora correspondente do Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine, CRPM-Pandora. Université Denis-Diderot Paris VII. Psicanalista.

www.joanadevilhenanovaes.com.br E-mail: joanavnovaes@gmail.com

JUNIA DE VILHENA

Psicanalista. Dra em Psicologia Clínica. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS da PUC-Rio. Bolsista da CAPES (PROCAD). Pesquisadora da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Pesquisadora correspondente do Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine, CRPM-Pandora. Université Denis-Diderot Paris VII.

www.juniadevilhena.com.br E-mail: vilhena@puc-rio.br

Resumo: Atravessamos um momento em que os padrões estéticos encontram-se cada vez mais rígidos e, por vezes, irrealis e perversos. A gestação e as marcas no corpo que esta proporciona são comumente apontadas como as grandes vilãs da forma física e da perda



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

dos encantos femininos. Sendo assim, muitas vezes acredita-se que esforços não devem ser poupados a fim de ‘minimizar os estragos’ decorrentes da gravidez. Neste trabalho discutimos algumas das ressonâncias psíquicas destes ideais.

Palavras-chave: corpo, gestação, gordura, consumo.

**WHO WANTS TO BE IN MOMMY’S TUMMY? ON PREGNANCY IN TIMES OF
THE BODY CULT**

Abstract: We are living in a time in which the aesthetic standards are increasingly stringent and sometimes unrealistic and perverse. Pregnancy and the marks on the body that it provides are commonly cited as the major villains of fitness and loss of feminine charms. So often it is believed that efforts should not be spared in order to ‘minimize the damage’ arising from pregnancy. In this paper we discuss some of the psychic resonances of these ideals.

Keywords: body, pregnancy, fat, consumption.

Corpos magros, torneados, músculos em evidência. Em outros tempos, a estética corporal que nos habituamos a ver nas ruas hoje em dia definitivamente causaria estranheza! Isto se daria pelo fato de que os padrões de beleza não são estanques ao longo dos tempos. Eles se modificam ao longo de diferentes épocas, a partir dos contextos culturais nos quais estão inseridos. Seguindo essa lógica, podemos citar Novaes (2006), que aponta que o discurso do corpo fala das relações internas à sociedade.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Todas estas práticas, sem exceção, surgem reeditadas, a cada verão, como facetas do ethos do bem-estar e do cuidar de si, aos quais o sujeito contemporâneo deve estar engajado para não ser visto como desleixado ou preguiçoso. A este fenômeno social contemporâneo, que associa falta de cuidado com a aparência a falha de caráter, chamamos de moralização da beleza.

Esforços não devem ser poupados na obtenção do belo corpo. Este, por sua vez, é lócus de grande investimento na sociedade de consumo. Beleza é capital e moeda de troca. A equação é simples: quanto melhor for sua aparência, melhores serão as suas condições de competir no mercado. Uma típica ilustração disso é a exclusão, cada vez maior, de pessoas gordas nos processos de recrutamento e seleção das grandes empresas.

Expressões do tipo agregar valor são representativas do argumento mencionado acima, num mundo francamente regido pela lógica mercantilista e no qual tudo parece estar reduzido a uma questão de marketing pessoal – ser gordo é sinônimo de sujeito pouco produtivo, o que, certamente, não agrega valor; muito pelo contrário, gera atribuições depreciativas e avaliações que desqualificam este sujeito.

Este trabalho, que parte de duas pesquisas mais abrangentes¹, busca investigar a relação que mulheres estabelecem com seus corpos durante e após a gestação. Baseadas nas representações sociais que o corpo de gestantes vem adquirindo nas mídias, buscamos apontar algumas repercussões do ideal do corpo que volta para o lugar imediatamente após o parto. Assim como o corpo fértil merecia cuidados, o pós puerpério passou a ser o corpo ‘gordo’ que precisa ser corrigido e negado em sua história e em suas marcas.

¹ Brazão (2008) , Novaes (2003,2006,2008,2010)



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

CORPO E GESTAÇÃO

Quem não se impressionou com a forma física impecável da famosa cantora baiana, Claudia Leite, logo após o nascimento de seu bebê? E quem não notou, em contrapartida, que a outra, Ivete Sangalo, se recusa a fazer o mesmo? Parece impossível, nos dias de hoje, se manter alheio à sensação de que alguma coisa diferente vem acontecendo com a forma dos corpos maternos logo depois da chegada de seus bebês. Não que antes as mulheres não se importassem com a idéia de voltar a vestir aquela calça jeans aposentada por muitos meses. Mas de alguma forma, ao menos aos olhares mais atentos, isso tudo parece estar tomando outras proporções.

Ao longo deste artigo, pretendemos tecer algumas considerações acerca do culto ao corpo na atualidade e suas ressonâncias sobre o corpo feminino modificado pela gestação.

Atravessamos um momento em que os padrões estéticos encontram-se cada vez mais rígidos e, por vezes, irrealis e perversos. Nunca houve à disposição, no mercado, tantas opções a serem consumidas no intuito de lidar com as limitações da aparência do próprio corpo. Em nossas incursões pelo campo pesquisado, mostrou-se recorrente o fato das marcas deixadas pela gestação serem apontadas, pelas mulheres, como as grandes vilãs da forma física. Muitas vezes acredita-se que esforços não devam ser poupados a fim de ‘minimizar os estragos’ decorrentes da gravidez. Ofertas com essa finalidade não faltam (Brazão, 2008).

Acredita-se, hoje, que, por meio da prática de exercícios físicos, dos mais diversos e severos regimes alimentares, das cirurgias estéticas, dos tratamentos dermatológicos e dos cosméticos, seja possível alcançar a perfeição estética. Transmite-se assim a ilusão de que o corpo pode ser infinitamente maleável na busca por esse ideal.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Convidadas a esculpir seu próprio corpo, como se este tivesse a plasticidade da argila, as mulheres frequentemente reportam-se a modelos fotográficos, como representantes de uma estética da perfeição (Novaes, 2006). Temos acesso, constantemente, através de diversos veículos da mídia, a imagens de diversas celebridades que exibem orgulhosas seus bebês recém-nascidos e seus corpos praticamente intactos.

Fortes representantes de um ideal de corpo pós-gestação, muitas afirmam que não fizeram absolutamente qualquer intervenção estética após o nascimento de seus bebês. Há quem credite o retorno corporal às formas iniciais, à boa genética familiar. Há quem atribua a enorme perda calórica à amamentação ou a sessões de drenagem linfática. O fato é que, com frequência, parece haver um enorme abismo entre aquilo que se diz e o que parece ser da ordem do possível, pelo menos para a maioria das mulheres em geral.

É interessante observar como o imaginário social reforça a idéia que vem sendo construída a respeito dos corpos das grávidas famosas, e o seu rápido retorno às suas formas anteriores à gestação. Estimula-se uma falsa crença que parece desconsiderar a veracidade das imagens veiculadas, posto que as mesmas são retocadas no Photoshop.

Importante ressaltar que apenas recentemente passou-se a exigir das campanhas publicitárias que informassem sobre a utilização de imagens manipuladas. Essa medida teve como objetivo minimizar o impacto subjetivo que tais imagens provocam no consumidor, tendo como moto propulsor os casos de anorexia em adolescentes que buscam freneticamente o “look” vendido pelas revistas de moda.

No entanto, é possível notar que boa parte das celebridades não poupa esforços procurando encarnar esses ideais. Modelando seus corpos, buscam enquadrá-los nos padrões difundidos, embora muitas vezes neguem o grande dispêndio de energia, tempo e dinheiro envolvidos no processo de aquisição desse corpo.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Mulheres famosas, ícones de beleza, apresentam sua boa forma e ‘ensinam’ seus rituais de beleza e alimentação, constantemente exaltados pela mídia: corpo magro na gestação e prontamente restabelecido e saudável após o nascimento de seus bebês. Carolina Dieckmann, atriz carioca, e uma das poucas a não negar o esforço e a disciplina imprescindíveis na manutenção da sua boa forma, revelou em entrevista como perdeu em menos de um ano os 28 kg ganhos durante sua segunda gestação:

Eu passo fome. Agora, por exemplo, minha barriga está roncando, mas ok. Aí, tem uma barrinha de gergelim que é ótima e tem só 20 notas. Ela é docinha, dá até uma animada. (Dieckmann, 2008)

Em novelas ou filmes, a gestação costuma ser retratada por “barrigas de grávida” que desaparecem por completo tão logo nascem os bebês. Instantaneamente, lá estão as novas mães da ficção, lindas e magras novamente. Seria este um ideal de gestação?

Além do corpo magro, deparamo-nos em capas de revistas e afins com gestantes nuas em poses extremamente sexualizadas. A constatação desse modelo de gestação e maternidade, exposto na mídia, nos leva a pensar: em que momento os longos vestidos soltinhos foram substituídos por seios cobertos pelas mãos e olhares capturantes?

Indagamos, simultaneamente, de que maneira o corpo feminino - historicamente associado aos seus conteúdos e formas (maternidade, gestação, mundo interno) - vem gradativamente assumindo a forma de um corpo liso, gelado e bidimensional das telas de computador e das capas de revistas, enquanto a anatomia emagrecida e descarnada das modelos da passarela ganha cada vez mais adeptas. Como nos disse certa vez uma entrevistada: *para ser feliz hoje em dia tive que me livrar dos meus recheios!* (Novaes, 2006, p. 168)



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

É interessante notar que a atual moda em relação ao vestuário para gestantes assemelha-se e se confunde com a moda proposta para as mulheres em geral e já se foi o tempo em que era moralmente sugerido que cobrissem a barriga e vivessem tal período da vida de forma discreta, reservada e muito pouco sexualizada.

Em outros tempos, esse modelo não era comumente veiculado ou socialmente aceito e quem tentou transpor esses limites e expor sua gestação foi fortemente rechaçada e causou estranheza.

Quem estava grávida era Leila Diniz, mas quem quase teve um filho foi o resto do país ao vê-la numa foto, de biquíni, na praia, com uma barriga de seis meses. Era agosto de 1971 e as grandes massas nunca tinham visto aquilo. A moda praia para grávidas era uma batinha costurada à parte de cima do biquíni ou o velho maiô (...). Hoje pode soar absurdo, mas choveram protestos, indignação e repulsa contra o gesto de Leila. Falou-se em deboche contra a maternidade, em afronta à Virgem Maria (...). (Castro, 1999, p. 209)

Presencia-se cada vez mais a difusão da imagem do corpo materno diferente de outros tempos. Se até algumas décadas atrás a imagem da mulher grávida e da maternidade estava referida à idéia da mulher interdita, hoje se presencia um corpo erotizado. Além disso, são expostas como verdadeiras heroínas aquelas que parecem não se deixar marcar de forma indelével pelos excessos deixados pela gestação.

Em pesquisa realizada em academias de ginástica da zona sul carioca, isso aparecia de forma recorrente na fala das meninas jovens, ou seja, seu fascínio pelas mulheres cuja gravidez não deixou sinais. Figuravam sempre na lista das ‘mulheres maravilhosas’ que eram citadas como exemplos a serem seguidos pelas gerações mais novas. Ex: Demi Moore grávida



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

na capa da revista *Vanity Fair* e pouco tempo depois estrelando o filme *Streep Tease* (Novaes, 2006).

No entanto, o corpo da mulher após o nascimento de seu bebê traz marcas dos meses de gestação e da experiência que vivenciou. Para que seu corpo possa voltar a se assemelhar às formas anteriores à gestação, precisará de tempo, algo que talvez se reflita em um incômodo, pois na época da velocidade e da instantaneidade, a espera a fim de alcançar um objetivo configura algo desprazeroso e angustiante.

Na cultura do prazer imediato e contínuo, e da felicidade a qualquer custo, o desprazer e a espera constituem algo difícil de ser mediado. Quanto mais milagrosos e rápidos forem os efeitos prometidos, maior adesão existirá a tal procedimento oferecido.

Busca-se permanecer no estado de prazer e alegria, ao preço de se eliminar parte da experiência humana. É como se socialmente não se reconhecessem mais a dor e a frustração como constitutivos do percurso rumo aos ideais de prazer e alegria. Dor e frustração passam a ser indicadores não de limites inerentes à experiência humana, mas da insuficiência daquele sujeito singular. (...) Veicula-se a ideia de que essa imagem ideal de pleno prazer está disponível para todos a mínimo esforço (...). (Maia e Albuquerque, 2000, p. 81)

A partir do momento em que a maternidade não é mais pensada como a única promessa de felicidade para a vida feminina, a busca por um corpo esbelto, jovem e saudável tornou-se uma imposição que abre caminho para novas formas de controle do corpo feminino (Nunes, 2003). A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza e difunde-se a idéia de que, caso ela não seja bonita, não será totalmente mulher (Novaes, 2006). Nesse contexto, vê-se desenhar um modelo de identidade feminina



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

condicionado não por suas conquistas no mundo privado ou público, mas por mecanismos de ajuste obrigatório à tríade beleza-juventude-saúde, que pressupõe um apagamento de seus ‘excessos’ e de sua singularidade (Nunes, 2003).

As marcas corporais deixadas pela gestação podem ser pensadas como exemplo fundamental desses excessos de singularidade que devem ser apagados. Trata-se de marcas que denunciam processos já vividos e uma história que em parte já se desenrolou. Pode-se notar esse fato na propaganda veiculada pela marca de cosméticos Helena Rubinstein:

Nos tempos atuais é imperdoável que a gravidez faça com que a mulher perca a silhueta... A mulher deve ter um belo corpo para mostrar após os filhos estarem criados (Rubinstein, *apud* Novaes, 2006).

Os reflexos da preocupação com o corpo no período gestacional surgem no momento em que esta fase deixa de ser vivida apenas como um processo que leva a transformações físicas naturais, para ser encarada de forma indesejada. Para Zuckerman (2008), pode-se pensar que socialmente há um marketing em conseguir tornar a imagem do corpo feminino após o parto repugnante e inaceitável, pois trata-se de um grande mercado no qual cirurgias e intervenções diversas poderão ser comercializadas.

Conhecidas como “mommy makeover” ou “mommy job”, as cirurgias plásticas pós-parto vêm sendo difundidas nos EUA e Inglaterra e vendidas em pacotes. Estas prometem levantar os seios, definir o abdômem e acabar com as gordurinhas. Esse conjunto de cirurgias que prometem apagar as marcas esteticamente inaceitáveis deixadas pela gestação já é bastante difundido no Brasil. (Iwasso, 2008)

Uma rápida busca sobre o tema pelo mundo virtual nos coloca diante de dois blogs que nos parecem emblemáticos no que se refere ao tema em questão. Os *blogs* são: *Recuperando a*



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Silhueta - Yes I can! e Grávida e Gata: o blog da grávida que não queria barangar. Nesses blogs encontramos relatos minuciosos de dietas alimentares, fotos de celebridades que funcionam como inspiração, e registro de metas a serem alcançadas. Para estas mulheres, o restabelecimento da forma física desejada é uma tarefa árdua e muito valorizada. Isto contradiz o discurso comumente veiculado na mídia de que a volta ao corpo pode e deve ser algo rápido. De fato para algumas mulheres pode ser assim, mas não para todas, pois irá depender de fatores como o biótipo de cada uma e os hábitos alimentares e de exercícios físicos até mesmo anteriores ao período gestacional. A rede virtual funciona como forma de dividir anseios e conquistas, obter apoio de mulheres identificadas com a questão e mostrar os resultados corporais obtidos.

Nas redes sociais, em comunidades sobre boa forma, é possível notar que algumas usuárias se inquietam. Dizem não acreditar mais nos ‘segredos das celebridades’ e exigem que estas ‘contem a verdade’. Como aponta outra de nossas entrevistadas: *Acho o fim da picada quando vejo uma daquelas globais que malham dezessete horas por dia, vivem à base de alface e dedo na goela e dizem que o segredo da boa forma é um copo d’água e uma caminhada leve*” (Novaes, 2006, p. 77). Seja no mundo virtual ou real, especulações femininas sobre intervenções mágicas supostamente adotadas pelas celebridades não faltam. Lipoaspiração na hora do parto, plásticas posteriores à gestação, dietas ou tratamentos estéticos que não são divulgados são alguns exemplos.

Há décadas as revistas especializadas no público feminino encontram mercado ao tecerem promessas de respostas definitivas para as mais diversas aflições, e agora mais do que nunca parecem estar sendo cobradas por essas respostas. Os veículos digitais permitem que um número incontável de leitoras e usuárias se exponha e se queixe do conteúdo das informações que para elas não é mais satisfatório... e provavelmente nunca será!



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Certamente não se trata de pregar a volta das ‘batinhas’ ou de utilizar a gravidez como desculpa para o ‘desleixo com o corpo’. Trata-se, sim, de refletir sobre a necessidade de apagamento destas marcas ou mesmo, em casos extremos, de sua negação completa (Novaes, Vilhena & Lemgruber, 2008). Vejamos o exemplo máximo difundido na rede retirado do jornal *The Sun*.

“Modelo se nega a amamentar o filho e diz que peitos são só para sexo” A modelo britânica Nicola McLean disse que não amamentou seu filho Rocky, de três anos, porque seus peitos são apenas para sexo com seu marido, segundo reportagem do tabloide inglês *The Sun*. 'Eles são uma coisa sexual para mim', disse a britânica Nicola McLean. Ela afirmou que não se sentiria sexy se tivesse amamentado seu filho.

Não acreditamos ser exagero suspeitar que tal depoimento só poderia ter destaque em uma sociedade onde o corpo/sexualidade/aparência assumem o valor que vimos discutindo. Outros tipos de análise deixamos para um outro trabalho. Afinal de contas, não há como aqui discutir o lugar simbólico ocupado por um bebê...

CONCLUSÃO

Segundo Baudrillard (1970), a lógica social do consumo aponta para uma ideologia fundamentada no mito da felicidade e da igualdade. A matriz desse pensamento tem origem nos ideais de democracia, propostos pela revolução francesa, quais sejam: liberdade, fraternidade e igualdade. Contudo, tais preceitos caíram por terra, havendo uma apropriação desses ideais pela lógica do consumo, passando então os mesmos a funcionar como um equalizador das diferenças, caracterizando assim a sociedade contemporânea.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Dessa forma, eliminando-se o outro, as diferenças não são toleradas. Nesse caso, é importante entender quais os aspectos compreendidos no lugar da alteridade, sendo eles: a raça, a língua, o sexo. Assim, cria-se um mundo homogeneizado, globalizado, em tons pastel, enfim, sem grandes distinções. Não há mais lugar também para o estranhamento, para a negatividade, para a doença e finalmente para a morte.

Poderíamos, então, indagar-nos sobre a razão pela qual essas dimensões não encontram mais espaço nas sociedades contemporâneas ou, mais precisamente, na lógica do consumo. O que é feio, finito, perece e morre... não consome. E, indiscutivelmente, ainda não se encontrou um valor mercadológico ou de troca para esse fenômeno.

Enfim, eliminam-se todas as singularidades, em busca de uma positividade total; em última análise, elimina-se o sujeito a fim de reduzir sua existência à dimensão de consumidor. A engrenagem que sustenta a lógica do consumo não deve ser quebrada e, para que isto aconteça, os sujeitos devem desejar o mesmo.

A despeito desse desejo de uniformidade, as diferenças étnicas, econômicas, de idade e racial são abolidas. Cria-se uma aldeia global.

A sociedade contemporânea, muito bem definida por Dumont como individualista, vem funcionando em grande escala sob o imperativo do gozo. A ordem é: “seja feliz, custe o que custar, haja o que houver”. O grande tirano da atualidade talvez tenha o nome de Sucesso.

Contudo, esse ditador torna-se, cada vez mais, exigente: a realização tem que ocorrer na vida profissional, financeira, amorosa, sexual, física e familiar. Como bem observa Roudinesco (*apud* Mendlowicz, 2003), a sociedade moderna, quanto mais submetida a essa lógica de excesso narcísico, menos interesse tem pelo sujeito, a não ser para contabilizar seu sucesso ou para olhá-lo como vítima.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

É na sociedade da globalização, na qual os indivíduos são classificados, grosseiramente, entre os *winner*s e os *loser*s, que os fracassos lançam o sujeito numa dor difícil de suportar. Sem encontrar outros ideais aos quais se dedicar e incapaz de cumprir essas exigências, só lhe resta a depressão.

Aspectos, aparentemente isolados, da vida cotidiana têm como traço comum essa idéia. De uma forma subliminar, os meios de comunicação de massa difundem-na em termos de consumo: adquira determinado produto e realize seus sonhos de imediato. Compre seu corpo ideal!

No que se refere ao uso do corpo, os efeitos de tal exigência de imediatismo são particularmente marcantes: na busca da sensação de prazer e auto-estima, recorre-se a soluções milagrosas, cujas consequências, a médio e longo prazos, são desconsideradas.

Nesse sentido, o uso de anabolizantes acelera o lento processo da preparação física em academias; cremes, massagens e pílulas garantem a modelagem do corpo de modo rápido, eficiente e sem sacrifícios; excessos alimentares são neutralizados com medicamentos e pílulas para eliminação de gordura, para azia etc.

A indústria farmacêutica, gradativamente, substitui o delicado autocontrole do corpo. Os sinais corporais, indicadores de sua saciedade e de seus limites, são silenciados por substâncias químicas.

Segundo Mendlowicz (2003), estados de ansiedade, angústia, tristeza e experiências de dor que sinalizam o modo como o homem se posiciona em certas situações, preparando-o para elas, também são aplacados por medicações. Como nos lembraram Maia e Albuquerque (2000) citados anteriormente, busca-se permanecer no estado de prazer e alegria, ao preço de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

se eliminar parte da experiência humana. A dor e a frustração não são mais reconhecidas como constitutivas do percurso rumo aos ideais de prazer e alegria.

Impotentes para suportar as faltas, os sujeitos caem no desespero, na tristeza ou entregam-se às compulsões. O tempo é o da urgência e a única saída é ‘emagrecer rapidamente’ - a espera virou sinônimo de desespero. O imediatismo é a ordem!

O imediato, como valor que permeia vários aspectos da cultura, constitui-se como uma qualidade essencial a qualquer bem a ser consumido. Mais precisamente, o que se veicula é a satisfação imediata: esse é o bem maior. Que, sabemos, jamais será atingido. As ressonâncias desses processos certamente se fazem ouvir na clínica psicanalítica da atualidade. De veículo ou meio da satisfação pulsional, o corpo passa a ser também veículo ou meio de expressão do mal estar contemporâneo. É o paradigma do corpo como algoz!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUDRILLARD, J. [1970]. *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, SP,] 1981.

BRAZÃO, M.A. (2008) Culto ao corpo e gestação. Projeto de Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. PUC-Rio.

CASTRO, R. (1999). *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras.

DIECKMANN, C. (2008). Para manter a boa forma, Dieckmann revela: “Passo Fome”. <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL613766-9798,00-PARA+MANTER+A+BOA+FORMA+DIECKMANN+REVELA+PASSO+FOME.html>>. Acesso em: 25 jun. 2008.

IWASSO, S. (2008). Cirurgia plástica após parto avança entre as brasileiras. Especialistas desaconselham pressa em fazer correção estética, popular nos EUA e Inglaterra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/editorias/2008/01/07/ger-1.93.7.20080107.1.1.xml>>. Acesso em: 27 maio 2008.

MAIA, M.; ALBUQUERQUE, A. (2000). Get there now! Cultura contemporânea, imediatismo e desamparo pulsional. *Revista de Psicanálise*, v. 18, n. 132, p. 81-88.

MENDLOWICZ, E. *Revisitando a depressão*. 2003. Tese de Doutorado. Dept. de Psicologia. PUC-Rio.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

NOVAES, J.V. (2003) Da cena do corpo ao corpo em cena. Estética feminina e cirurgia plástica. In CASTILHO, K; GALVÃO, D. (Orgs.) *A moda do corpo O corpo da moda*. Ed. Esfera. São Paulo. pp 150-158

NOVAES, J. V. (2006). *O intolerável peso da feiúra. Sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro, Ed PUC/Garamond.

NOVAES, J. V (2008) *Relatório de Pesquisa – FAPERJ. Pós Doutorado. Programa de Psicologia Social UERJ. Corpo: apenas uma questão de aparência? Sociabilidade e usos do corpo nas classes populares*.

NOVAES, J. V.(2010) *Com que corpo eu vou? Sociabilidade e usos do corpo nas classes populares*. Rio de Janeiro. Ed.PUC-Rio/Pallas.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J.; LEMGRUBER, M. (2008). Sexualidade feminina e envelhecimento: apenas uma questão cirúrgica? Algumas considerações acerca das cirurgias estéticas ginecológicas. *Revista Polêmica*, n. 23, p. 18-30. UERJ. http://www.polemica.uerj.br/pol23/oficinas/LIPIS_1/lipis_1_1.htm Acesso 12 de junho de 2009

NUNES, S. A. (2003). De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea. *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Nunes_83071003_port.pdf>. Acesso em: 15 maio 2007.

The Sun: <http://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,MUL1117064-6091,00-MODELO+SE+NEGA+A+AMAMENTAR+O+FILHO+E+DIZ+QUE+PEITOS+SAO+SO+PARA+SEXO.html> acesso 18 de julho de 2010.

VILHENA, J. & NOVAES, J.V (2009) Un corps à la recherche d'un longement. Corps, violence et médecin. In: *Le corps contemporain: créations et faits de culture*. Paris. Ed. L'Harmatan. pp113-136

Recebido: 23/07/2010

Aceito: 29/07/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br